

O CINEMA DE ARON FELDMAN – TRANSGRESSÃO CABOCLA

Um jovem louco muito alegre escapa de um hospício dos mais mambembes e estabelece residência no jazigo de um cemitério enquanto dois capiaus encontram o cadáver ainda quente de uma bela cabocla estuprada – colocam patins em seus pés, abraçam-se a ela e se dirigem pelas estradas em direção à delegacia da cidade. Eles ignoram que os assassinos podem ser justamente uma dupla de delegados baitolas!

Estou falando do cinema *naïf* de Aron Feldman. Autor de pelo menos dez filmes pouco falados e raramente vistos.

Sua temática não é exatamente a morte. Mas grande parte da ação de *O Mundo Anônimo de Jr.* se passa num cemitério, óbvia metáfora do Brasil na época Médici. Eu não tinha assistido a esse filme na época. Só consegui assisti-lo agora no ciclo Aron Feldman que o Centro Cultural São Paulo dedicou à obra de um raro cinepoeta. A mostra, muito bem organizada pelo pesquisador Albert Hemsí, nos dá a oportunidade de conhecer toda uma filmografia marginalizada. Particularmente fiquei surpreso com a vitalidade do homem, que, aos 67 anos, ousa via vídeo debochar. Antes de alinhavar alguns comentários sobre esse deboche tendo a morte como elemento gostaria de citar alguns trechos de Paulo Emílio Salles Gomes em torno de *O Mundo Anônimo de Jr.* (in *livro Paulo Emílio – Um Intelectual na Linha de Frente*, Ed. Brasiliense/Embrafilme, 1986):

“Para muitos filmes brasileiros, produzidos entre aproximadamente 68 e 71, a marginalidade foi uma opção, eventualmente acentuada pela cisma da censura e ou pela má vontade do comércio.

Com *Anônimo Jr.* o filme dos Feldman – o pai Aron, o filho Cláudio, o resto da família e os amigos – não aconteceu nada disso. Essa obra de artesanato familiar, nascida numa cidade satélite da Grande – e medonha São Paulo – não deu propriamente as costas a ninguém; a única coisa que rejeitou – na maior inocência – foi o gosto de uma comissão carioca encarregada pelo poder público de avaliar a qualidade dos filmes brasileiros. A tal qualidade não foi reconhecida em *Anônimo Jr.*, o que impediu a sua comercialização, isto é, o seu encontro com a parcela de público popular à qual se endereçava. Nessas condições só restou para o filme a audiência mais sabida e limitada dos clubes de cinema e dos alunos de universidade. O infortúnio teve em

todo caso o mérito de sublinhar mais uma vez o alheamento e a ignorância da comissão carioca que se responsabilizou pela marginalização de *Anônimo Jr.*”.

O mestre indignou-se com a censura velada, censura cabocla. Ela massacrou o filme, aniquilou suas chances junto ao mercado da época. Mas o mercado tem alternativas nos 80; nos 90, *Anônimo Jr.* poderá circular sem traumas em vídeo. É um filme tão corajosamente transgressor que só tem campo pela frente. Quero me referir um pouco sobre o como filmar a morte: filmes experimentais como *Origina* ou *O Homem que Deus Criou (70)* ou *Longo Caminho da Morte (71)* teriam bulido no “tabu” – a dita ditadura que matou e mataria a quem insistisse em cutucar o tema com vara curta.

Aron Feldman não está nem aí. Se em *Anônimo Jr.*, o personagem tripudia nas virilhas da morte de forma *naïf*, isto é, fantasiosamente ingênua, em *Odisséia de um Cadáver* vinga o sarcasmo sertanejo, o equivalente do humor negro inglês. Não por menos *Odisséia* lembra o plot de um Hitchcock longínquo – *The Trouble with Harry (O Terceiro Tiro, 1956)*.

Sintonia por sintonia: Hitch em *Vertigo (Um Corpo que Cai, 1958)* baseia-se num livro chamado (em espanhol) *De entre los muertos*, de Pierre Boileau & Thomaz Narcejac – o título da anticrônica de Paulo Emílio sobre *Anônimo Jr.* leva o título de *De dentro de um cemitério*.

Claro que, sendo Aron Feldman um cinepoeta primevo, digo *naïf*, não sacaria o contexto em que o estamos situando. Vez e voz a seu filho, o poeta Cláudio Feldman:

“Vindo da fotografia, que o tornou conhecido nos salões nacionais nos anos 40 e 50, Aron Feldman encontrou no cinema algo mais completo. Somando seu talento visual à mania de escrever histórias, cometeu sua primeira película aproveitando os parentes e a vizinhança como assunto: *Pince-ladas!* Isto ainda em Bauri e com máquina alheia. Em 1959, já em Santo André, comprou sua própria *Paillard* 16mm, e, fascinado e aturdido com o ambiente da Grande São Paulo, rodou *Insônia*, mistura de símbolos oníricos e agitação urbana causadora da noite mal dormida”.

O documentário *Casqueiro* participou do festival JB–Mesbla de 66 e acabou ganhando um prêmio num festival de Hiroshima, Japão – Kaneto Shindo era o presidente do júri.

Aron Feldman é um talento que provavelmente será redescoberto entre os vivos muito aparentemente mortos deste fim de década.